

**Anpuh 2007**  
**Simpósio Temático**  
**Os índios na História: fontes e problemas**  
Coordenação: John Monteiro e Regina Celestino

**Domingos Ramos Pacó, professor bilíngüe e intérprete  
do aldeamento missionário do Itambacuri, MG**

Izabel Missagia de Mattos<sup>1</sup>

Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS,  
Seminário Temático *Os Índios na História: Fontes e Problemas*, 15-20 de julho de 2007

Favor citar corretamente!

**Resumo**

O estudo da trajetória do intérprete e professor bilíngüe do aldeamento do Itambacuri (1873-1917) Domingos Ramos Pacó, autor de uma minuciosa descrição da história social na missão indígena, revela aspectos diferenciados do destino dos índios ali aldeados.

Fruto das relações de mestiçagem deliberadamente produzidas pelos diretores do mais bem estabelecido aldeamento imperial entre os regidos pelo Decreto 426 de 1845, o casamento de seus pais – um intérprete “brasileiro” mestiço e a filha do chefe indígena Pahoc - inaugura uma longa série de sacramentos realizados pelos diretores capuchinhos, sob os desígnios da romanização eclesiástica.

Instruído pelos missionários, Pacó tornou-se secretário e ecônomo do aldeamento ao longo de 18 anos, sendo demitido na virada do século. Indignado sobretudo pelo não reconhecimento da importância do papel do intérprete na memória oficial da missão, o professor bilíngüe escreveu o manuscrito *Hámbric anhamprá ti mattâ nhĩñchopón?* (1918), no qual teceu críticas severas à política dos missionários, que passou a não reconhecer a identidade indígena dos aldeados, em consonância com os interesses nacionalistas da nascente república.

Os descendentes de Pacó se encontram atualmente na zona rural do município de Campanário, MG, se autodesignam Mucurim e reivindicam ao Estado reconhecimento étnico e direito às políticas públicas diferenciadas.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, professora e pesquisadora do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia IGPA - Universidade Católica de Goiás

## Introdução

QUANDO, EM 1893, o aldeamento do Itambacuri (1872-1911), dirigido pelos capuchinhos Serafim de Gorizia (1829-1918) e Ângelo de Sassoferato (1846-1926) gozava de uma situação de prosperidade e boa reputação junto aos governos central e provincial do Império brasileiro, o diretor geral dos índios da Província de Minas descreveu suas instalações, que compreendiam três capelas, duas escolas primárias, uma “prisão correcional”, uma casa de hospedagem, além de engenhos, alambiques, moinhos e monjolos. A “quinta” com árvores frutíferas e pés de cacau e café em fase de produção, ladeada pela casa dos missionários, e as pastagens “verdejantes” para alimentar o gado e demais animais também eram incluídas na listagem dos edifícios, que haviam sido “construídos pelos padres diretores do aldeamento e pelos obreiros do lugar, índio e nacionais pobres”.

O aldeamento do Itambacuri, talvez o mais importante deste país, tem prosperado de maneira tal, que possui hoje uma grande população que impulsiona uma imensa lavoura, talvez a primeira daquela zona que é por excelência agrícola. Em seu seio contam-se *42 engenhos movidos a bois, além do engenho de ferro*, acima mencionado. Estes engenhos fabricam grande quantidade de rapadura, açúcar e aguardente que abastece a cidade de Teófilo Otoni que por sua vez exporta grande parte destes produtos para a estrada de ferro “Bahia e Minas”. A cultura de cereais é importantíssima, pois... é *o Itambacuri o inesgotável celeiro da cidade de Teófilo Otoni*.<sup>2</sup>

Ainda segundo o relatório desse diretor, as escolas eram então dirigidas pelos professores indígenas Domingos Ramos Pacó e Romualda Órfão de Meira.

Ao explorar o percurso de Pacó, esta comunicação percorre as diversas fases que caracterizaram a história do aldeamento, desde sua instalação, crescimento e

---

<sup>2</sup> Relatório do diretor geral dos índios, Antônio Alves Pereira da Silva, ao secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais. 04 de novembro de 1893. SG 25, pp. 84v-85. Arquivo Público Mineiro.

prosperidade, até suas crises - epitomizadas pela revolta indígena de 1983 - e posterior transformação em Colônia Mista, no início do século XX.

O casamento dos pais de Domingos Ramos Pacó inaugura o livro de registros dos diretores missionários do aldeamento. Félix Ramos da Cruz, seu pai, fazia parte da comitiva dos missionários como “língua” ou intérprete responsável pela tradução e pela mediação da relação do “governo” com os índios *Naknenuk* - que eram grupos de Botocudos articulados entre si e dispostos a incorporarem mestiços e “nacionais” em sua rede de relações políticas e de parentesco, diferentemente dos grupos pertencentes à mesma família lingüística e cultural conhecidos como *Giporok* – entre os quais tornaram-se célebres os Pojichá e os Krenak contemporâneos, por sua resistência ao processo de aldeamento e o “comércio” com os “civilizados”<sup>3</sup>.

Assim como o estabelecimento da Companhia do Mucuri (1851-1861) só pôde acontecer por meio do apoio efetivo dos chefes *Naknenuk* Potón, Ninkate e Timóteo (Otoni, 2002 [1858]), a missão de Itambacuri, da mesma forma, não teria sido possível sem a negociação e a conquista do apoio das lideranças indígenas, representadas por Pohoc.

Com efeito, a mãe de Domingos Pacó, Umbelina, era justamente filha do capitão Pohoc, que liderava toda a rede estabelecida no local que seria escolhido por Frei Serafim para sediar sua missão.

O chefe Pohoc e o “língua” Félix Ramos já haviam estabelecido uma relação de parceria anterior à chegada dos missionários no Itambacuri, segundo se pode depreender das memórias manuscritas por Domingos Pacó (1996 [1918]). Segundo seu neto, o chefe Pohoc já havia se deslocado com seus guerreiros para Minas Novas, em 1870, e Filadélfia, atual cidade de Teófilo Otoni, em 1871, para negociações relativas aos interesses políticos dos povos *Naknenuk* reunidos na região que viria a ser pouco depois escolhida para sediar a missão capuchinha. Félix Ramos já havia feito, inclusive, uma “derrubada” próxima ao local onde o capitão Pahóc havia reunido uma “numerosa tribo”, “retirada do Poté, Pontarút, Noret, Ampâ e Trindade” para aquele centro (Pacó, 1996 [1918]: 199).

---

<sup>3</sup> Para conhecer a etnopolítica dos Botocudos e as estratégias e denominações dos subgrupos, ver Missagia de Mattos, 2004 e 2005.

As novas relações introduzidas na população indígena no início da missão do Itambacuri seriam, assim, incorporadas à lógica das relações de parentesco, uma vez que o principal intérprete e mediador político em ocasiões de desentendimentos entre os índios e missionários, o “brasileiro” Félix Ramos, era, com efeito, casado com Umbelina, filha do chefe Pohoc, e companheiro constante do sogro. Esta primeira relação de afinidade, estabelecida antes da chegada dos frades porém logo formalizada por frei Serafim, não apenas facilitaria o estabelecimento de relações de aliança entre missionários e nativos como, em diversas situações, de fato, serviria para salvar-lhes das ameaças e hostilidades vividas no cotidiano do aldeamento.

A escolha do local ideal para o trabalho de catequese convergia, dessa maneira, tanto os interesses dos indígenas por proteção, como o dos missionários, referentes às pautas negociadas para o projeto de aldeamento: o fortalecimento das redes sociais para a defesa da missão contra seus “inimigos” e a criação de uma indústria e de um comércio prósperos. Para isso, seria necessária, sobretudo, a mão de obra dos indígenas.

A celebração desse primeiro casamento misto entre os pais do professor indígena, por si só, indica uma das tendências presentes em toda a experiência de “civilização” levada a cabo pelos missionários, baseada em uma suposta necessidade de “mestiçagem” racial para a neutralização do potencial de “rebeldia” projetado sobre a imagem dos “selvagens”. Esta projeção possuía fundamentos tanto de ordem “científica” - considerados os argumentos raciológicos que sustentavam as políticas de higienização social e civilização do período - quanto de ordem teológica, haja vista a antropologia anti-revolucionária presente no discurso missionário, que associava o “selvagem” ao “pecador” que merecia ser castigado para alcançar a salvação (Missagia de Mattos, 2004 e 2006).

É importante lembrar que as missões religiosas para civilizar os indígenas durante o Segundo Reinado foram oficializadas pelo decreto 426 de 1845, que dispunha sobre o serviço de catequese estruturando-o em repartições públicas, das quais faziam parte as Diretorias Parciais e Gerais dos Índios de cada província. Os missionários-diretores, deste modo, cumpriam a ambígua tarefa de representarem o imperador e o clero naqueles longínquos sertões em um período de crescente instabilidade política e transição para a república.

Celebrado o casamento um ano após o estabelecimento da missão, é possível que o nascimento do fruto desta união, o futuro professor bilíngüe, já tivesse ocorrido. Alfabetizado pelos missionários-diretores, Domingos Pacó foi sacristão, passando a exercer o cargo público – que exerceria ao longo de 18 anos - de secretário, professor e ecônomo do aldeamento do Itambacuri aos 14 anos de idade. Em 1901, Pacó seria substituído em sua função por um professor branco, o músico Emanuel Pereira, casado com índia, que recebera dos índios a alcunha *Tangrins*<sup>4</sup>.

A pedido do historiador Reinaldo Otoni Porto (1928), em 1918, o professor bilíngüe escreveu um precioso relato sobre a fundação do Itambacuri, no qual sobressai seu domínio discursivo em torno dos símbolos da conversão indígena. As memórias de Domingo Pacó podem ser consideradas um dos raros documentos escritos por um índio brasileiro no século XIX.

Considerando Itambacuri “o segundo Jericó”, Pacó descreveu alguns dos símbolos relacionados à edificação das igrejas na Colônia Indígena, por meio dos quais os fundadores buscavam “ensinar” e motivar os índios para o trabalho na construção:

Estes dois venerandos anciãos por espaço de 40 anos conduzindo os seus fiéis cordeiros, figura de Moisés e Aaron, octogenários do povo de Israel, edificaram muitos prédios, principalmente as duas tendas ou tabernáculos sagrados, a primeira titulada igreja de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri, construída em 1878 a 1881, a segunda titulada Capela do Senhor Bom Jesus da Lapa de Igreja Nova, construída em 1886, monumentos estes edificados por oficiais indígenas e dois mestres carpinteiros nacionais, em memória ou figura daquela pedra de Betel, em que o patriarca Jacob viu a visão celeste, que por uma escada milagrosa desciam e subiam os anjos, levando as orações e súplicas dos bons e virtuosos, e trazendo do céu as bençãos e graças, que o senhor manda para os seus fiéis servos. Depois de bem edificadas estas duas tendas acima mencionadas, os dois venerandos anciãos prostraram nelas submissamente como outro Salomão no antigo testamento, pediram e pedem ao altíssimo Senhor por todos aqueles que, submissos orarem nestes dois templos, e que o Senhor ouvisse-lhes as orações e fosse a eles propício (Pacó, 1996 [1918]:210-211).

Um dos aspectos mais fascinantes do seu manuscrito, trazido a público por meio do minucioso trabalho de pesquisa realizado pelo franciscano holandês Olavo Timmers e

---

<sup>4</sup> *Tangrins* (“músico”, na língua nativa) e sua esposa indígena são os pais do capuchinho frei Serafim Pereira, importante arquivista da Ordem capuchinha, autor de uma obra sobre a história das catequeses e dos missionários capuchinhos no leste do Brasil e informante desta pesquisa (Pereira, 1998).

publicado em 1969, por ocasião do centenário de nascimento de Teófilo Otoni<sup>5</sup>, é o fato de esconder, sob a mesma linguagem hiperbólica e apologética da conversão missionária utilizada pelos capuchinhos, uma perspectiva nativa das falácias da catequese, em situações práticas. O fracasso dos missionários em estabelecerem relações amistosas com os Pojichá, especificamente na ocasião em que Frei Serafim de Gorízia tornou-se deles refém, por exemplo, foi interpretado pelo professor bilíngüe como resultado da inexperiência dos intérpretes que o acompanhavam. Segundo ele, apenas um língua habilidoso seria capaz de estabelecer nos indígenas a atitude denominada “civilização momentânea”, instauradora de uma nova situação de troca material e simbólica.

A memória da fundação da missão pelo professor bilíngüe pode ser lida não apenas como crítica, mas, no limite, como uma verdadeira denúncia da pedagogia excludente e da invisibilidade gerada sobre a participação do indígena no trabalho realizado pelos capuchinhos<sup>6</sup>.

### **Os índios do Tambaquari e a chegada dos missionários**

Como pode ser observado a partir da memória da fundação de Itambacuri elaborada por Domingos Pacó, era já numerosa a população indígena que se encontrava no local a ser escolhido pelos missionários para sediar a missão. Tratava-se, na verdade, de grupos *Naknenuk*, considerados uma “confederação” pelas autoridades locais (Pacó, 1996 [1918]: 201).

Segundo o professor indígena, o grupo sediado na região do Tambaquari – que os missionários posteriormente preferiram renomear de forma “tupinizada”, refundando-a como a missão de Itambacuri e revelando o ideal, compartilhado pelos governantes, de reviverem simbolicamente a glória das antigas experiências consideradas, de fato, “civilizadoras”, das missões jesuíticas entre os extintos Tupis - era constituído por aldeias interligáveis, que, mantendo um sistema eficaz de comunicação, permanecia

---

<sup>5</sup> “O Mucuri e o Nordeste Mineiro no passado e seu desenvolvimento segundo documentos e notícias recolhidas por Frei Olavo Timmers OFM em lembrança do 100º aniversário de Teófilo Benedito Otoni. 1869 – 17 de Outubro de 1969”. Teófilo Otoni. Datilografado com emendas manuscritas. 535 fls. Arquivo Público Mineiro.

<sup>6</sup> O manuscrito de Pacó foi publicado em 1996 em uma coletânea sobre a história regional, aqui adotada como referência para fins de citação.

protegido dos ataques tanto de grupos indígenas inimigos – como os Aranã e os Giporok - quanto das incursões dos “brancos” não aliados.

Chefiados por Pohoc, avô de Pacó, e contando com cerca de 800 homens, além das mulheres e crianças, esse aldeamento – assim composto devido a situação de acirrada disputa com os colonos e grupos indígenas rivais por território – contava com uma rede de pequenos grupos aliados nos arredores que, segundo o professor indígena, serviam como “sentinelas vivas” no caso de ataque inimigo.

Havia outras tribos ligáveis ao Capitão Pohóc, porém habitavam fora, nos limites das águas de Itambacuri, como fortes ou sentinelas vivas ordenadas para impedir de que outras tribos inimigas os atacassem (Pacó, 1996 [1918]:201).

Frei Serafim de Gorízia, assim, ao estabelecer-se no local - através da aliança com o chefe Pahoc e seu genro, o intérprete mestiço Félix Ramos – teria incorporado a estratégia nativa da comunicação eficaz entre os diversos subgrupos Naknenuk, fazendo com que sua autoridade se multiplicasse com o estabelecimento de redes “invisíveis” de comunicação e mediação.

O método adotado pelos fundadores foi o de incorporar os índios “convertidos” nas principais funções que exigiam a organização de uma nova comunidade. Após a fundação da Ordem Terceira de São Francisco, que congregava os índios proeminentes na vida social do aldeamento, como os professores Domingos Pacó e Delfina Bacan d’Aranã, a nova sociedade indígena, “convertida”, tornava-se participativa. É interessante notar como durante o primeiro decênio do aldeamento a população fixa flutuava em torno de 500 habitantes indígenas, sendo que outros 2000 índios, estimadamente, continuavam a “vagar” pelas matas, aparecendo na missão, no entanto, por ocasião dos dias “festivos” – os domingos e dias santos.

Os missionários fundadores passavam muito tempo entre os índios, despendendo meses na mata. Seus sucessores, ao contrário, passaram a permanecer no convento, concentrando-se em atividades para a formação de frades. Segundo o professor bilíngue Domingos Pacó,

Frei Serafim viajava léguas com o SS. Viático, em socorro aos índios e nacionais existentes naquele tempo, quando estavam enfermos em artigo de morte, e nada atrapalhava aos ditos Reverendos, nem sol, nem chuva, nem seca, nem cheias ou impossibilidade alguma, e estes grandes benefícios faziam por

trilhos ou picadas quase intransitáveis por não ter naquele tempo comunicação alguma ainda as pequenas povoações como hoje em dias. Conferia todos os sacramentos baseados na virtude da caridade, nem sequer reclamava tão grandes benefícios que distribuía, não só aos de Itambacuri, como de outros lugares .... Somente para o bem público e a glória de Deus gastou anos seus e suas forças, em muitas fadigas, a bem desta colônia, velava sempre como um carinhoso pai e uma carinhosa mãe a seu único filho. *Por espaço de dez anos não habitava família nacional alguma no Itambacuri* (Pacó, 1996 [1918]: 204-205).

O intérprete mestiço, ou “língua”, tornou-se essencial em todo o processo de fundação e estabelecimento do aldeamento do Itambacuri, como enfatizou, em sua leitura processual da missão, o professor Domingos Ramos Pacó, fruto, ele próprio, da apologia missionária da mestiçagem.

O êxito do Itambacuri, segundo a interpretação do professor, deveu-se unicamente ao apoio dos chefes indígenas e dos intérpretes, entre os quais seu próprio pai, o “brasileiro” Félix Ramos, genro do importante líder indígena Pahóc e responsável pela mediação linguística e política entre índios e missionários em diversas situações de conflito (Pacó, 1996 [1918]).

A importância reconhecida dos agentes indigenistas “práticos” tanto pelos diretores civis de índios quanto pelos próprios missionários na Província de Minas, diz respeito à exigência indígena de negociação de um sentido prático e simbólico para sua sobrevivência nos aldeamentos. Com efeito, os instrumentos dialógicos utilizados para a atração dos Botocudo para a missão, como os rituais católicos e os demais objetos que fascinavam a curiosidade prática/sobrenatural dos indígenas, demonstra como o trânsito da magia - capaz de mobilizar grupos guerreiros de Botocudo ao longo dos oitocentos - também informou o processo de mediação entre os missionários e os índios, caracterizando-se, assim, como um processo de dupla mão. Os agentes interculturais “línguas”, ainda que fossem mestiços incorporados à teia de parentesco dos subgrupos Botocudo, uma vez identificados pelos índios como lideranças, foram capazes de conduzir politicamente os equívocos e contradições das relações interétnicas, compatibilizando os mundos em convivência mestiça e misturando pensamento mágico e consciência história na prática cotidiana da conversão civilizatória.

Algumas providências foram adotadas pelos missionários durante a revolta de 1893, algumas delas a conselho dos políticos responsáveis pela aprovação das dotações



públicas destinadas à colônia indígena, como a distribuição das meninas indígenas da escola entre os moradores da cidade de Teófilo Otoni, uma vez que temia-se o retorno dos índios revoltosos, refugiados nas matas após o flechamento dos missionários, para “raptá-las” da catequese (Frei Serafim *apud* Palazzolo, 1973 [1954]: 191).

A demissão do professor Pacó, que se considerava índio (Pacó, 1996 [1918]: 201), “pela manifesta negligência no cumprimento dos deveres” e “contínuas imprudências, aliás frequentes aos de sua raça (Palazzolo, 1973 [1954]: 220)” - entenda-se por alcoolismo, como sustenta a memória oral -, por sua vez, revela o destino da educação dos indígenas do aldeamento.

Pode-se inferir que a demissão do professor bilingüe tenha se imposto sob um novo conjunto de regras relativas à administração escolar dos índios adotado nos primórdios da República pelos diretores da então colônia indígena do Itambacuri, se considerarmos o relatório elaborado pelo engenheiro Pedro José Versiani, sobre a situação da colônia indígena em dezembro de 1893, dirigido ao inspetor de terras e colonização do Estado de Minas Gerais. O parecer do engenheiro, favorável à continuidade da catequese<sup>7</sup>, continha recomendações expressas para o funcionamento da escola do Itambacuri, como a organização de uma banda de música, para a qual deveria ser enviado pelo governo “um professor habilitado e os instrumentos precisos”. A música, segundo avaliava o engenheiro, poderia “exercer grande influência sobre os indígenas, abrandando-lhes os costumes”, por despertar “os sentimentos nobres e elevados da alma humana”<sup>8</sup>.

Em sua memória sobre a fundação de Itambacuri, o professor indígena demitido conseguiu, veladamente, tecer uma crítica ao modelo catequético adotado na missão e o destino dos seus índios, ao mostrar como, com o decorrer do tempo, de atores principais, seriam os intérpretes aliados de suas funções dentro da Colônia e desconsiderados enquanto atores específicos.

Com efeito, no início, o modelo de ensino adotado na missão contou com ampla participação dos indígenas, que, uma vez alfabetizados, transformaram-se em

---

<sup>7</sup> É importante destacar que o referido engenheiro, responsável pela construção de estradas na região, não poderia estar isento em sua avaliação. Empreendedores de obras diversas naquela zona pioneira, os engenheiros, com frequência, beneficiariam-se com legalização de posses ao longo das estradas.

<sup>8</sup> Ofício do Dr. Pedro José Versiani ao Inspetor de Terras e Colonização do Estado de Minas Gerais. 10 de outubro de 1893. Gav. 20. Pasta I. Doc. 21. Arquivo da Custódia do Rio de Janeiro.

professores e monitores em sala de aula, como foi o caso da professora Delfina Bacán Aranã, sucessora de Romualda após seu falecimento por tuberculose. Delfina, por sua vez, também designara suas discípulas indígenas como ajudantes no ensino.

Esse modelo sofreu um golpe mortal - descrito pelo professor indígena demitido da mesma forma que a professora índia Delfina Aranã - com a construção do Aprendizado Agrícola e do asilo para as indígenas “órfãs” administrado pelas missionárias italianas, enviadas ao Itambacuri através de incrementos fornecidos pela política educacional do novo governo.

Ao longo dos poucos anos em que a presença indígena na Escola Santa Clara foi computada diferenciadamente, a presença oficial de índios na colônia indígena do Itambacuri deixava de ser reconhecida oficialmente, passando os índios a serem registrados de forma homogeneizada enquanto “nacional”, de acordo com a espécie de sentimento que a escola deveria inculcar nos alunos. Paralelamente à sua incorporação nos documentos enquanto “nacionais”, os sobrenomes étnicos dos índios aldeados foram também abandonados.

### **O destino de Pacó e o desaparecimento dos indígenas da missão**

Após ser demitido, Pacó viveu “retirado para a vida nas matas”, em busca dos “sinais de Nossa Senhora” e de pedras e riquezas, nunca encontradas. Interessante notar como seu relato contrasta com o dos missionários em relação à descrição da selva, não considerada como inimiga, doentia, ou “hedionda”, mas como lugar de “recreação” para os indígenas. Pacó fazia questão de lembrar, afinal, que todos aqueles córregos, rios e serras já possuíam um nome em língua indígena antes da chegada dos missionários e sua posterior renomeação, e que toda a zona fora povoada por nações bravas e guerreiros.

Possuidor de uma memória “inútil” a região, assim como sobre os diversos indígenas que participaram ativamente da atividade missionária nos primeiros tempos da missão, Pacó demonstra em seu relato sua situação de solidão e isolamento<sup>9</sup>. Sua história

---

<sup>9</sup> Outras experiências de vida se cruzam à de Pacó neste aspecto de sua história. Também Delfina Bacán d’Aranã, as bugrinhas e outros alunos e alunas das escolas indígenas tornaram-se indivíduos solitários, desvinculados de suas redes sociais de origem porém não integrados à nova situação social urbana instaurada pelos missionários. (Missagia de Mattos, 2004).

diferenciada não lhe permitia sentir-se inteiramente integrado à sociedade não-indígena, imbuída pela tarefa de transformação e destruição da memória das selvas do Mucuri. Tampouco poderia ser considerado “índio”, devido ao sucesso autoproclamado da “civilização” promovida no aldeamento, transformada em Colônia Mista após a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN) em 1910, quando, inspecionado por autoridades do governo republicano, não seria mais identificada a presença de indígenas no local.

Tendo se casado com a indígena Zulmira Jupeti, Domingos Pacó teve vários filhos. A cidade de Campanário, onde passou a lecionar após o seu exílio nas matas e faleceu na década de 1930, guardou seu nome dado a uma de suas ruas.

Alguns de seus netos e outros de seus descendentes em Campanário têm se mobilizado em torno da reivindicação por reconhecimento étnico.

### **Bibliografia Citada**

- DUARTE, Regina H., org. 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*. Ed. UFMG.
- MISSAGIA DE MATTOS (no prelo). “Política indígena na transição para a República no Brasil: uma abordagem etnográfica”. *Anuario IEHS*. Univ. Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Instituto de Estudios Histórico-Sociales. Tandil, Argentina.
- MISSAGIA DE MATTOS, 2004. *Civilização e Revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas*. Bauru: Edusc.
- MISSAGIA DE MATTOS, 2005. “Os etnônimos e a ‘descanibalização’ dos Botocudos: alteridades redefinidas pelo contato”. *Estudios Latinoamericanos* 25(2). Varsóvia, jul-dez 2005, pp. 103-131.
- OTONI, Teófilo Benedito. 2002 (1859). Notícia sobre os Selvagens do Mucuri em uma carta dirigida pelo Sr. Teófilo Benedito Otoni ao Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo. In DUARTE, Regina H., org, 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri* Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- PACÓ, Domingos Ramos, 1996 (1918) “Hámbric anhamprán ti mattâ nhiñchopón? 1918” In RIBEIRO, Eduardo, org. 1996. *Lembranças da Terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem: Cedefes, pp. 198-211.
- PALAZZOLO, Jacinto de, 1973 (1954). *Nas Selvas dos Vales do Mucuri e do Rio Doce. Como surgiu a cidade de Itambacuri, fundada por Frei Serafim de Gorizia, Missionário Capuchinho (1873-1952)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PEREIRA, Serafim J. OFM Cap., 1998. *Missionários Capuchinhos: nas antigas Catequeses Indígenas e nas sedes de Rio de Janeiro, Espírito Santo e Leste de Minas (1840-1997)*. Petrópolis: Vozes.

PÔRTO, Reinaldo Ottoni, 1928. *Notas Históricas do Município de Teófilo Otoni*. Teófilo Otoni, Ed. do autor.

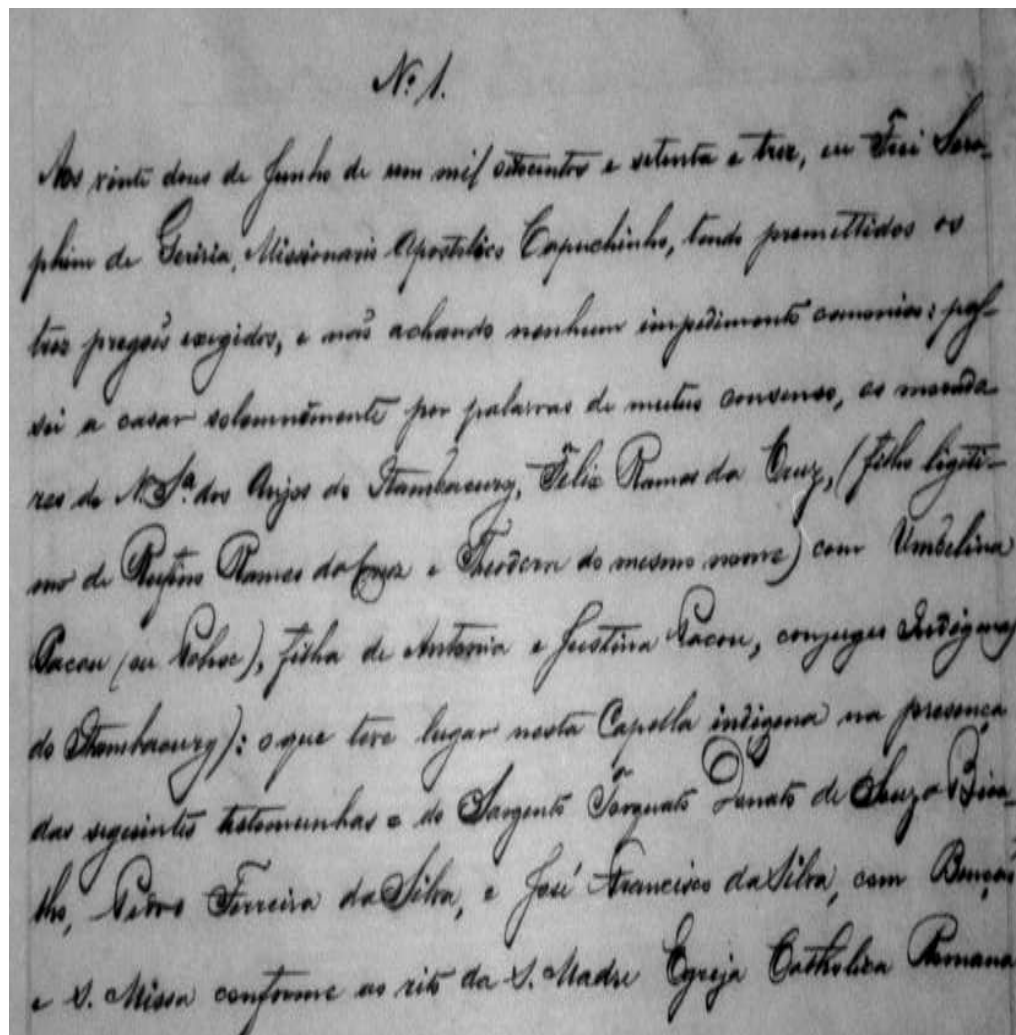
RIBEIRO, Eduardo, org. 1996. *Lembranças da Terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem: Cedefes,

### Anexo

#### Registro de casamento do intérprete Félix Ramos e Umbelina Pahoc

##### 1º. casamento realizado na missão capuchinha do Itambacuri

22 de junho de 1873<sup>10</sup>



N.º 1.

Aos vinte e dois de Junho de um mil oitocentos e setenta e tres, em São Loupão de Geriá, Missionari Apostólicos Capuchinhos, tendo prometidos os  
tão prazeres exigidos, e não achando nenhum impedimento canonico: profi-  
xi a casar solemnemente por palavras de mutuo consenso, os mandada-  
res de N.ª S.ª dos Anjos de Itambacuri, Félix Ramos da Cruz, (filho legiti-  
mo de Rufino Ramos da Cruz e Theresina do mesmo nome) com Umbelina  
Pahoc (ou Pahoc), filha de Antonia e Justina Pahoc, conjuges Indígenas  
do Itambacuri): o que teve lugar nesta Capella indígena na presença  
das seguintes testemunhas a do Sargento Torquato Renato de Souza Fica-  
lho, Pedro Ferreira da Silva, e José Francisco da Silva, com Benção  
e S. Missão conforme ao rito da S. Madre Igreja Catholica Romana.

<sup>10</sup> Fonte: Arquivo da Paróquia de Itambacuri

